

Letras

Portugal

Um país em viagem

Um texto que introduza Portugal, ou seja, uma síntese deste país que somos, eis o que José Cardoso Pires faz nestas linhas, inicialmente redigidas para o almanaque «Nuestro Mundo», editado em língua castelhana pela agência EFE e pela Espasa Calpe, a que nos referimos na última edição. Uma «Balada da Praia Ocidental», por assim dizer, cujo «original» publicamos por amável deferência do autor e da EFE.

José Cardoso Pires

«Portugal, país em viagem», escreveu Paul Claudel. «Rosto da Europa», chamou-lhe um poeta nacional, Fernando Pessoa. Unamuno viu nele uma pátria de pensadores do desespero. Neruda uma primavera clandestina. Henry Fielding, mestre do romance e da desventura, descreveu-o em cores de pesadelo. Heinrich Böll e Gabriel García Márquez saudaram-no (Abril de 1974) como uma utopia revolucionária.

Talvez nos caibam todas essas imagens contraditórias, sólido e utopia, melancolia e revolução, uma vez que somos uma ponta do velho continente, face ao oceano: enquanto houve terra e mar por descobrir fomos a proa

da Europa apontada ao Desconhecido, nós que nascemos de um pequeno condado de pastores ferozes e de poetas de «Cantares de Amigo».

De resto, foi nessa condição marginal que nos fizemos e iniciámos a grande viragem da História levada a cabo pelos capitães navegadores de Portugal e da Espanha. Dinastias de cartógrafos e de matemáticos dos mares, novas engenharias, novos inventos — o Astrolábio, o Tratado da Esfera — tudo isso fez parte da magnífica aventura. Medimos o Sonho, planificámos o Novo Mundo. E então saíram continentes, galeões de ouro, rotas da pimenta e dos escravos. Surgiu o fabuloso império que Camões iria cantar em *Os Lusíadas*.

Mas não era apenas a epopeia dos Conquistadores que se continha nessa obra-prima da poesia universal: era a própria língua dos portugueses que ali aparecia criativamente fixada e individualizada, de acordo com o Humanismo e a modernidade do país. A mesma língua, afinal, em que um outro escritor genial, o mercador, aventureiro e jesuíta errante Fernão Mendes Pinto, descreveria mais tarde a sua *Peregrinação* através do Oriente, anunciando já os desastres da Conquista e da intolerância cristá.

«País em viagem». Sim, fomos isso nos séculos dos Descobrimentos. Somos ainda isso, mas agora pelo reverso da glória, pelo lado da emigração: mais de uma terça parte de nós próprios ainda espalhada pelo Universo, o mapa-mundi dos expatriados está coberto de pegadas dos portugueses. Daí talvez o traço de nostalgia, a saudade, que tantas vezes nos dizem dominar o nosso perfil cultural.

Mas hoje, quando nos lembramos dos milhares de exilados da fome e do ódio político, a metáfora do «País em viagem» deixou de ter a

Este país — este povo — visto por José Cardoso Pires, os brasileiros na óptica de João Ubaldo Ribeiro. Pessoa, sempre ele, desta vez travestido de Alexander Search, lido por Manuel João Gomes. As letras no «JL».



José Cardoso Pires: uma «balada da ocidental praia»...

luminosidade da aventura para se revestir de sombras macabras e de espectros. Aqui ficaram as raízes de Espinosa e de Thomas Mann, as de John Dos Passos, Jorge Luis Borges e de tantos e tantos filhos de portugueses que foram nascer a outras pátrias por culpa da nossa História violenta. Então dizemos como um poeta de agora, Alexandre O'Neill: «Portugal, nosso remorso» — e concentramos nesse verso todo o sentimento dum povo agredido e dispersado por gerações de opressores.

Muito do nosso despozo: aento vem daí, dum passado de Inquisição e de ditadores. Em cinco séculos de imprensa, Portugal acuzou um passivo de quatrocentos anos de Censura, o que significa que o melhor da nossa voz e do nosso Pensamento foi construído sob o medo e a contracultura. Poderemos ilustrar com isto

uma outra atitude social que nos tem sido atribuída, a melancolia do isolamento, ou até mesmo o ceticismo desesperado a que se referiu Unamuno em *Por Tierras de Portugal y de España*.

Naturalmente que todas as definições dum povo têm à inconsistência de serem datadas e circunstanciais. Inesperadamente o português rompe o apagamento ou o ceticismo em que estava localizado e entra em rebelião triunfadora, como aconteceu nas lutas pela independência. Inesperadamente, também. Abril de 1974, depois da morte de Salazar, o mais velho ditador do século, proclama a liberdade como a Revolução dos Cravos e põe fim ao último império colonial. E aqui são novamente as suas capacidades de imaginação e de utopia que despertam: pela primeira vez na história das democracias um punhado de capitães libertadores pôs em marcha o projecto dum exercício cultural ao serviço do povo e do poder civil. «A Poesia está na rua!», gritava o célebre cartaz de Vieira da Silva que correu mundo como uma ideia nova.

Assim estamos agora. Em democracia, mas pagando os custos dum herança colonialista e, por outro lado, dos sonhos audaciosos que investimos na liberdade. Neste processo de esperanças e de frustrações reconhecemos a todo o passo expressões contraditórias de nós próprios que nos chegam do passado e que se alternam e se moldam em sucessivos ajustamentos. De concreto, tudo o que sabemos é que, sejam quais forem, as nossas singularidades partem da condição de constituirmos um pequeno país frente à dimensão do oceano. Foi isso que deu a Portugal uma unidade inconfundível e o fez projectar para lá da sua dimensão, através dum «experiência secular de crises e de glórias».